

Peak Chroma

A cor é algo inexistente. Não pode ser objeto, é metáfora. Não é matéria, é sensação. Peak Chroma sugere a aposta na intensidade e instabilidade desta dimensão sensorial.

As composições ritmadas evidenciam o movimento incessante, a busca quase romântica pela materialização e a presentificação da cor. Sobreposições de finas camadas de tinta, que ora descortinam uma infinidade de deslocações e enlacs tonais, ora servem de palco para a incidência da luz, fazem aparecer formas difusas.

Geometrias luminosas, que se assemelham a prismas policromáticos, emergem da manipulação repetitiva e continua da matéria. É no encontro destas formas e camadas que a cor como aparição, sensação e experiência se abriga. Transforma-se de coisa fluida em arquitectónica. Deixa de ser atributo e passa a fato, desenha e dissolve contornos para ganhar corpo, tornar-se sólida e projectar-se no espaço. O que surge então é o inesperado, o acaso feito da mistura de outras identidades tonais, que se deixam entrever e coabitam nesta nova forma que se revela. Por vezes assemelham-se a ecos, desdobramentos de matizes que reverberam em diferentes coloridos, infinitamente maiores que se chocam, desbordam e escapam da tela. Outras vezes aprisionam-se nas intersecções saturadas e dissonantes contidas no interior do espaço pictórico.

O artista constrói assim uma pintura heterotópica que desorienta a percepção comum sobre a luminosidade e o espaço e que convoca o olhar a um decifrar de códigos, revelados por jogos de alternância entre transparências e reflexos. Gil Madeira propõe uma leitura subtil da pintura como território de questionamento entre luminescência e materialidade.

Gil Madeira é formado pela Faculdade de Belas Artes do Porto e com passagem pela Akademie der Bildende Kunst in Viena, onde aprofundou sua prática sob orientação de Daniel Richter.

Bela Lachter

Nov. 2018